
O ainda Novo Jornalismo: a presença do Jornalismo Literário nas produções de Eliane Brum¹

Macauley DOMINGUEZ²

Beatriz PACHECO³

Centro Universitário de Barra Mansa, Barra Mansa, RJ

RESUMO

Definido mais como um capricho estilístico do que uma possibilidade discursiva que põe em xeque condições intrínsecas ao jornalismo tradicional, o Jornalismo Literário procura ocupar espaços e discussões a fim de se afirmar como um gênero autônomo. Este trabalho, dessa forma, busca identificar traços característicos desse gênero nas produções da jornalista Eliane Brum, como atestado da presença do Jornalismo Literário na imprensa contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Jornalismo; Literatura; Eliane Brum.

INTRODUÇÃO

Considerado mera “excentricidade” ou formato alternativo das práticas tradicionais do jornalismo (BORGES, 2013), o Jornalismo Literário é fruto de experimentações de ordem prática que busca, partindo de premissas do Jornalismo alinhadas a procedimentos estéticos da literatura, expandir as possibilidades do texto jornalístico (PENA, 2007). Dispensando padronizações e manuais de redação, alguns profissionais buscaram da liberdade discursiva do gênero literário (BULHÕES, 2007), artifícios que possibilitaram produções de fôlego duradouras.

Apesar das experiências de sintonia entre jornal e letras no século XIX – período dos folhetins e literatos buscando a profissionalização através das redações jornalísticas (COSTA, 2005) – o momento mais emblemático dessa convergência ousada foi na década de 1960. Enquanto o apego à objetividade, caracterizado pelos textos curtos, diretos e

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Bacharel em Jornalismo pelo Centro Universitário de Barra Mansa, e-mail: mac.dominguezz@gmail.com

³ Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Barra Mansa e orientadora deste trabalho, e-mail: beatrizpachec@gmail.com

centralizados na estrutura do *lead*⁴, era o padrão de qualidade na maioria dos jornais norte-americanos, repórteres como Tom Wolfe e Gay Talese, fortemente influenciados pela literatura naturalista, resolvem lançar mão de procedimentos caros a literatura em suas produções.

Apelidado de “Novo Jornalismo”, os relatos traziam pontos de vista diversos, onomatopéias e composições em cena (WOLFE, 2005). O detalhamento das características físicas e emocionais dos personagens, atribuía riqueza a uma narrativa, por costume, desbotada e inexpressiva dos jornais tradicionais.

Apesar de normalmente analisado como abordagem ou prática jornalística específica de movimentos como o *New Journalism* e profissionais que almejam a inserção no mercado editorial (PENA, 2017), o Jornalismo Literário vêm ocupando espaço em discussões que o qualificam como gênero discursivo autônomo (BORGES, 2013).

Criticado por teóricos e profissionais sob o pretexto de, conforme pontua Rogério Borges (2013), “influências exacerbadas da literatura e de seu espírito criativo sobre o discurso da informação” (BORGES, 2013, p. 178) – o que prejudicaria o estatuto de veracidade do jornalismo – o Jornalismo Literário pretende, além das rupturas e inovações de ordem prática, questionar a neutralidade e a objetividade tão caras ao discurso jornalístico.

Dessa forma, o trabalho pretende reforçar os estudos sobre o Jornalismo Literário por meio da análise de uma reportagem de Eliane Brum, uma das profissionais mais profícuas no cenário atual. A análise em questão aborda a presença de elementos que caracterizam o Jornalismo Literário no seu trabalho jornalístico. Colunista do *El País*, é autora de três livros de reportagem, um de crônicas e dois romances e ganhadora de inúmeros prêmios, dentre eles, o Vladimir Herzog e o Jabuti. Pretende-se, com este trabalho, a localização do gênero em produções da contemporaneidade, contribuindo, assim, para o amadurecimento de seu patrimônio conceitual, ainda em fase de consolidação (MARTÍNEZ, 2017).

Somando aos esforços para a constituição de uma episteme relativa ao gênero jornalístico-literário, suas experimentações e aplicações, este trabalho é derivado da monografia intitulada *Velho e Novo Jornalismo: relações entre jornalismo e literatura no Brasil e a presença do Jornalismo Literário nas produções de Eliane Brum*,

⁴ Estrutura tradicional do enunciado jornalístico. Normalmente presente no primeiro parágrafo do texto, responde as principais perguntas sobre o fato narrado: O quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Como? e Por quê?.

apresentada pelo autor 1 em dezembro de 2018 como pré-requisito para a conclusão do curso de Jornalismo. Compartilho através deste artigo provocações que atestam principalmente a uma possibilidade do jornalismo ser maleável como discurso e prática. Possibilitando, assim, uma pluralidade renovadora através do entrelaço de dois gêneros que por excelência têm a capacidade de, mais do que contar uma história, instigar o leitor.

Jornalismo Literário: além da reportagem bem escrita

A literatura normalmente é relacionada ao jornalismo como um referencial de escrita mais sofisticada e complexa. No entanto, o Jornalismo Literário não pretende embelezar os *leads* e editoriais. De acordo com Felipe Pena (2017), o gênero pretende a potencialização das práticas características do jornalismo – apuração, compromisso ético, clareza, etc. – ou seja, levar ao limite as possibilidades para a produção de uma boa reportagem (PENA, 2017).

No entanto, o Jornalismo Literário reúne um acervo próprio de procedimentos e posturas derivadas da apropriação de artifícios literários por jornalistas insatisfeitos com o apego à objetividade nas redações.

Uma das principais práticas, responsável por distingui-lo com dissonância do formato padrão das matérias jornalísticas, é a construção narrativa das reportagens. Propondo a composição em cenas, o texto busca uma aproximação simbólica mais contundente entre leitor e situação (LIMA, 2014). Indicando no corpo da matéria informações que ambientam o texto – como expressões e traços físicos dos personagens e do espaço que os cercam – a construção em cena busca possibilitar uma visualização, por parte do leitor, do assunto que é abordado. De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2014), a produção jornalístico-literária apela para os cinco sentidos e busca oferecer mais do que um resumo do que aconteceu, mas sim “colocar o leitor *dentro*⁵ do acontecimento” (LIMA, 2014).

Outro procedimento, no entanto, levaria a prática jornalístico-literária a um caminho diferente dos textos autobiográficos e memorialistas – ambos de não-ficção. Rompendo com a imparcialidade asséptica do jornalismo convencional, o Novo Jornalismo não só propõe a presença do ponto de vista do repórter – utilizado por alguns jornalistas – mas uma narrativa que perpassa também os personagens. Entendido como

⁵ Grifo do autor.

“ponto de vista da terceira pessoa” (WOLFE, 2005, p. 54), o recurso constrói a cena através dos olhares particulares das fontes, abordando pensamentos e elementos emocionais que compõem para a pluralidade das informações sobre o assunto abordado.

Como se falar sobre o que os outros pensam ainda fosse pouco, o *status de vida* proposto por Tom Wolfe (2005), explora a descrição de detalhes e símbolos como hábitos, manias, objetos pessoais, estilo de se vestir, de andar, forma de se comportar com a família, amigos, desconhecidos, ousa um aprofundamento das fontes, utilizando como informação os símbolos expressos por ela. Assim, Wolfe (2005) transfere elementos do realismo de autores tão queridos para ele, como Balzac, Gogol e Dickens, com a finalidade de trazer, a partir do jornalismo e não da literatura, um entendimento e uma maior proximidade com a realidade e os fenômenos sociais e culturais.

Além de um novo jornalismo, o Jornalismo Literário propõe um “novo jornalista” capaz, como pontua Mônica Martinez (2017), de “apresentar seu modo de ver e relatar o mundo” (MARTÍNEZ, 2017, p. 28). Este novo profissional, fluente de técnicas jornalísticas literárias e aberto a outros campos do conhecimento, atua de maneira sensível a individualidade e a pluralidade do mundo (MARTÍNEZ, 2017).

No entanto, não se pode atribuir à abordagem jornalístico-literária a captação da totalidade de um assunto abordado. De acordo com Pena (2017):

Qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais completa que seja. A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. [...] Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos [...] e, novamente localizá-las em um espaço temporal de longa duração (PENA, 2017, p. 14).

O Jornalismo Literário vem, dessa forma, nas palavras de Villas Boas (2007), mostrar que “esse jornalismo urgente, opinático [...] não é o único que existe” (p. 9) e nem quer reinar soberano. Não se trata de sobreposições genéricas baseadas em uma espécie de darwinismo discursivo – como propôs Brunetière⁶ sobre a literatura (BULHÕES, 2007). Mas, sim, de uma possibilidade de questionar o jornalismo como discurso acabado, restrito, praticado para uma única e exclusiva finalidade: buscar uma

⁶ O teórico Ferdinand Brunetière apontava os gêneros em seus estudos como organismos vivos fadados a uma constante sobreposição de forças onde sobreviveria o mais forte (BULHÕES, 2007).

única verdade objetiva. Portanto, o Jornalismo Literário pretende, além de colocar em xeque preceitos inflexíveis:

(...) fazer do jornalismo um discurso mais agradável de ler, incluindo o narrador no palco da ação e descronologizando a apresentação do acontecimento, é uma iniciativa que demanda talento, formação, tempo e pode combater no texto informativo a fragmentação e a descontextualização (BORGES, 2013, p. 253).

Estudo de caso: Eliane Brum, a escutadeira

Eliane Brum (Ijuí, RS, 1966) ancora na escuta e no olhar as suas principais ferramentas de apuração jornalística. Esvazia-se no momento da reportagem, permitindo que as histórias das pessoas a preencha. Deixa de lado as certezas e preconceitos; as verdades e as superstições para se entregar a realidade do outro (BRUM, 2010). Entendendo a reportagem “como documento da história cotidiana” (BRUM, 2017, p. 14), Eliane amplia as possibilidades do jornalismo ao não se limitar a ser uma aplicadora de “aspas em série” (BRUM, 2010). A repórter considera a pluralidade da realidade, buscando transportar para a matéria jornalística texturas e sensações sempre no objetivo de convidar o leitor a despir-se de suas certezas e desacomodá-lo (BRUM, 2010). Eliane conta dessa postura na apresentação de seu terceiro livro, *O olho da rua: uma repórter em busca da vida real* (2017):

Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história em movimento. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a convicção de que a realidade é um tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Marcas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios. Ruínas. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas (BRUM, 2017, p. 14).

Percorrendo estradas tanto de asfalto quanto de terra – ou de água quando o rio se faz vereda – Eliane preserva uma prática que o jornalismo, acomodado com a rapidez e o conforto que a tecnologia proporciona, desaprendeu. A apuração *in loco*, considerada custosa pelos jornais (MARTÍNEZ, 2017) e imprescindível para o Jornalismo Literário (BORGES, 2013), proporciona no texto de Eliane Brum não só uma aproximação dos

elementos visuais, mas sim uma proximidade da pessoa que se faz personagem da enunciação jornalística. Saber o que aquela pessoa falou, como falou, que gestos usou para preencher os silêncios – elementos fundamentais da escuta da repórter – são rebeldias que, segundo Eliane, devem reocupar as redações, eliminando, dessa forma a redundância da “reportagem externa” (BRUM, 2006).

Conforme pontua Eliane Brum (2006), “se a internet e o telefone são invenções geniais, não há tecnologia capaz de tornar obsoleto o encontro entre um repórter e seu personagem” (2006, p. 190). A escuta tem de estar aliada ao olhar, o olhar para si, para o outro, mesmo que aparente não ter o que dizer.

O texto analisado neste artigo é fruto do trabalho da autora na revista *Época*, onde contribuiu por 10 anos com reportagens especiais, reunidas anos depois na coletânea *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2017). A reportagem “A floresta das parteiras” foi publicada no ano 2000 e aborda a vida de parteiras que atuam em comunidades indígenas e quilombolas do Amapá.

Exemplo de um estilo de escrita autêntico e pessoal que caracteriza Eliane, o texto apresenta posturas e características diversas relacionadas ao Jornalismo Literário. Dentre elas, a apuração *in loco* (PENA, 2017) – comum nas produções da repórter – a composição do *status* de vida dos personagens (WOLFE, 2005), construção da narrativa em cenas (LIMA, 2014), o uso de diálogos (LIMA, 2014), entre outras. Mas, principalmente, Eliane se propõe a fazer Jornalismo Literário quando potencializa as práticas jornalísticas ampliando e aprofundando assuntos supostamente superados pelo jornalismo tradicional.

A floresta das parteiras

A reportagem é como um parto (BRUM, 2010), mas o parto em si, é como o que? Nascer é preencher documentos para provar que veio ao mundo? É chorar pelas mãos do obstetra? É banhar-se da luz ultravioleta da incubadora? Todos entram no mundo pela mesma porta, no entanto, as mãos que nos recebem não são as mesmas. Na reportagem que abre o seu terceiro livro, Eliane vai ao Amapá buscar entender os mistérios desse momento da vida que, mesmo com toda a tecnologia dos hospitais, ainda nos afeta de maneiras incompreensíveis.

É pelo contato com as parteiras da Amazônia – nascidas com o dom de “pegar menino” (BRUM, 2017, p.20) – que Eliane apresenta um outro entendimento do nascimento. Logo no início da reportagem, a repórter ambienta um rompimento com os saberes da cidade, propondo ao leitor a suspensão das próprias convicções e uma abertura ao ponto de vista que será abordado. Conforme narra Eliane Brum (2017):

O grito atávico, feminino, ecoa do território empoleirado no cocoruto do mapa para lembrar ao país que nascer é natural. Não depende de engenharia genética ou operação cirúrgica, não tem cheiro de hospital. Para as parteiras da floresta, que guardaram a tradição graças ao isolamento geográfico de seu berço, é mais fácil compreender que um boto irrompa do igarapé para fecundar moça donzela do que aceitar que uma mulher marque dia e hora para arrancar o filho à força (BRUM, 2017, p. 19).

“Parto é mistério de mulher. Feito por mulher, entre mulheres” (BRUM, 2017, p.27). A perspectiva do parto mostrada desconsidera médicos, dispositivos e procedimentos hospitalares. Entendido como momento de festejo e alegria pelas parteiras, o nascimento é incompatível com o aspecto de morte dos hospitais (BRUM, 2017). Detentoras de um conhecimento só delas, como dom, as parteiras do Amapá cruzam rios e matas para “consumar o milagre” (BRUM, 2017, p. 24) de mulheres indígenas e quilombolas.

Em uma das conversas com Jovelina, a parteira com “mais rugas no rosto do que a noite tem estrelas” (BRUM, 2017, p. 24), Eliane deduz, a partir da observação, traços da personalidade de Jovita. O sorriso capaz de “desprender um pedaço do mundo” de tão intenso peleja com a pobreza. Jovelina tem, no entanto, a alegria projetada nos “filhos de umbigo” (BRUM, 2017, p. 27), nascidos pelas suas mãos. É o que a repórter demonstra quando a parteira exhibe as crianças com um orgulho de mãe.

A composição das personagens na reportagem, atende a características do Jornalismo Literário. Posturas e traços que vão além da descrição física, atribuem aos personagens complexidade e capacidade narrativa, uma vez que as informações contidas não são enumeradas (BORGES, 2013) – como ocorre no jornalismo convencional – e, sim, passam pelas ações e falas das parteiras entrevistadas.

Em um momento, Jovita conta de seu primeiro parto:

“O primeiro foi com Isabel, mulher do compadre Sevério, que tava lá pra Volta das Cobras. Deixa, compadre, disse mamãe, que a Isabel fica com nós. De noite Isabel teve a febre, sentiu tremor de frio, não falou

um ai. De manhã mamãe foi pra roça, fiquei eu mais Isabel. Jovita, Jovita, bota água prum banho. (Interrompe, em outro tom, para explicar que Jovita era ela mesma.) Tá aqui, Isabel, disse eu. Sabe que de madrugada me deu um grande tremor de frio?, disse ela. Foi, Isabel?, disse eu. Foi, Jovita. Tava penteando o cabelo quando se deu o despejo. Jovita, minha mana, me acode. A Isabel entrou pra debaixo do mosquiteiro, e eu peguei o menino. Tava frio, tava morto. Quando mamãe chegou, perguntou: que tal, Jovita? Tá Bom, mamãe. Aí, ela disse: Bem, minha filha, a partir de agora você vai no meu lugar. E eu fui” (BRUM, 2017, p. 25).

O caso contado pela parteira – que de tão interessante até ingresso caberia pagar (BRUM, 2017) – é uma aposta de Eliane ao uso de diálogos para compor a cena, alternando dessa forma os pontos de vista, conforme Wolfe (2005) propõe. A utilização causa uma aproximação do leitor à cena descrita, como se fosse um dos que rodeiam a parteira – como Eliane descreve no texto. Ainda, as palavras utilizadas são preservadas, mantendo uma fidelidade à expressividade das personagens. De acordo com Eliane (2010): “as palavras que as pessoas escolhem são muito importantes, não tem sinônimos que eu posso usar” (BRUM, 2010).

Além dos aspectos místicos, as entidades e espíritos que atuam junto dessas mulheres na hora do parto e as rezas e segredos que elas guardam, a reportagem busca evidenciar a riqueza com que as parteiras se expressam. Apesar da potencialidade de aspectos visuais da floresta amazônica, é a poesia que emerge de “suas vaginas como literatura da vida real” (BRUM, 2017, p. 36) por parto normal, o que dá textura a reportagem, aguça o ouvido do leitor e o convida para dentro do texto (LIMA, 2014). Quando a parteira Rossilda despede-se declamando “Tenho mão limpa e coração puro. Sou parteira, trago criança ao mundo” (2017, p. 29), Alexandrina diz que “mulher e floresta são uma coisa só” ou Cecília compara os remendos da roupa com os da vida, não são só informações disposta com o objetivo de informar, mas sim uma possibilidade de o leitor enxergar o mundo através da boca do outro.

A alteridade (MARTÍNEZ, 2017) é uma característica presente nos textos de Eliane Brum. Ao propor mais do que um resumo de informações que noticiam algo, a repórter constrói narrativas que possibilitam uma reinterpretação de assuntos e questões subentendidas de nossas vidas, como o próprio nascimento. Como se os próprios personagens contassem aquela história (BRUM, 2017), Eliane convoca o leitor a, assim como ela, esvaziar-se e preencher-se com a vida daquelas pessoas. A reportagem acha o seu final, porém, a partir de uma conclusão dotada de uma potencialidade reflexiva,

trazendo a um elemento comum tanto para quem lê quanto para as mulheres da floresta – o dia e anoite – a relação com os saberes confrontados durante a reportagem. De acordo com Eliane (2017):

As mãos da vida se agarram, os pés do caminho se unem em círculo no útero da floresta. As parteiras agradecem à divindade ao amanhecer. Como todas as criaturas do mundo, o dia surge em hora precisa sem que nada ou ninguém tenha de arrancá-lo do ventre da noite. Dia e criança seguindo a mesma lei, contendo ambos igual semente. Partes complementares de um só universo (BRUM, 2017, p. 32).

Reunidas, as parteiras evocando a natureza, a experiente Dorica faz de suas palavras as das outras mulheres: “é o tempo que faz o homem, e não o homem que faz o tempo. Parto é mistério. E menino, a gente nunca arranca. Só recebe” (BRUM, 2017, p. 32). E seria o tempo, essa nênese da prática jornalística, que impediria a repórter de acompanhar um parto realizado por Dorica, parteira mais antiga do Amapá (BRUM, 2017). Ironicamente, a matéria acabou fruto de uma cesariana (BRUM, 2017). Entendendo que até a reportagem tem a sua hora, Eliane vê o resultado como um filho bonito, apesar de apressado, principalmente pelo respeito que manteve à narrativa de suas personagens, preservando o principal atributo do repórter, a capacidade de ouvir.

Considerações finais

O trabalho da repórter “em busca da literatura da vida real” (BRUM, 2017), Eliane Brum, reúne posturas e elementos que atestam possibilidades na produção jornalística que vão além do “tom bege pálido” (WOLFE, 2005, p. 32) e impessoal das notas e editoriais. Ao ousar a travessia pela “larga e sempre arriscada rua de si mesmo” (BRUM, 2017, p. 14), Eliane rompe, com reportagens emocionantes e intensas, o sólido paradigma dos preceitos e rotinas jornalísticas, mostrando que a produção de um bom conteúdo está a um olhar e uma escuta de distância.

Ao correr dos definidores primários (PENA, 2017) – os especialistas das aspas – e decidir dar voz aos anônimos e invisíveis de nossa sociedade, Eliane foi capaz de multiplicar as percepções sobre assuntos aparentemente superados pelo Jornalismo. O elemento humano, tão em falta no conteúdo jornalístico há um tempo, toma de assalto o leitor, abala suas certezas e o convida a reagir, a interpretar, fazendo-o insurgir-se contra a passividade do receptor no processo comunicativo.

Com suas produções repletas do extraordinário da vida comum, Eliane foi capaz de desbancar o estatuto mais precioso do jornalismo, a objetividade. A reportagem, dessa forma, despe-se do predicado de enunciadora da verdade, para se transformar em multiplicadora de verdades. Partindo da visão de uma realidade complexa e múltipla, Eliane entende como função do jornalismo oferecer abordagens plurais e nunca definidoras e totalizadoras sobre os assuntos, estreitando assim seus laços com preceitos basilares do Jornalismo Literário.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário: análise do discurso**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BRUM, Eliane. **Jogo de Ideias**, Paraty: Itáú Cultural, out., 2010. Televisão, Entrevista a Claudiney Ferreira. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=rln0WqI6tI8>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- MARTÍNEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**, Intercom – RBCC São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez., 2017.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- VILLAS BOAS, Sérgio. **Apresentações**. In: VILLAS BOAS, Sérgio (Org.). **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Trad. José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.